

109a Reunião do Conselho Consultivo do IPHAN

Assunto: Registro do Bem - **Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas** no Livro dos Saberes como Patrimônio Cultural do Brasil.

Processo 01450. 016348/2008 - 49

Agradecimentos e Desafios

Quero pedir a benção aos meus mais velhos, aos mais jovens, e em especial a todos os ancestrais que dão força para que as práticas culturais de matriz africana sobrevivam diante ao racismo, preconceito, discriminação e vulnerabilidades sociais.

Agradeço a Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial em exercício, Marina Duque Coutinho de Abreu Lacerda, pela parceria, conversas e indicação desta relatoria; ao senhor presidente Sr. Leandro Grass pelo aceite da indicação; e a todos os membros do Conselho Consultivo do Iphan por mais essa partilha e escuta ativa.

Também agradeço a técnica da Superintendência do IPHAN São Paulo, Corina Maria Rodrigues Moreira, que participou ativamente dos processos do inventário dos Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas, como pela disponibilidade em dividir e dialogar comigo sobre os desafios referentes aos processos e as diversidades de ofícios e saberes que se apresentaram durante minha leitura.

Acho relevante registrar que esta relatoria se dá em meio a greve dos trabalhadores da Cultura pela implementação do Plano de Carreira. Ação essa de grande importância nacional, em que trabalhadores buscam melhores condições de trabalho para continuarem a atuar com compromisso pelo desenvolvimento das políticas públicas culturais e do patrimônio cultural, e na qual a continuidade de pessoas qualificadas são fundamentais para sua manutenção.

Neste sentido, expresso o meu apoio e agradeço a disponibilidade das técnicas e técnicos do Departamento de Patrimônio Imaterial - DPI, da Superintendência de São Paulo, e profissionais do IPHAN, nesta construção, mesmo frente a este contexto.

Também quero ressaltar que por conta da contenção de recursos pelo Ministério da Cultura (MINC), visitas técnicas junto aos detentores foram inviabilizadas e a realização da 109a Reunião do Conselho Consultivo foi alterada do presencial para o modelo virtual. Essa mudança exigiu uma escrita mais sucinta em respeito ao tempo de escuta e trocas deste processo, e da realização de síntese dos vários documentos e do Dossiê disponibilizados para minha análise no **Processo 01450.016348/2008-49 referente ao Registro dos Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas.**

Breve Contexto

Os Saberes do Rosário, Congados e Congadas, consiste em um conjunto diversificado de saberes da ancestralidade afro-brasileira que são atualizados por meio da devoção ao Rosário. Para mestres e mestras dessas tradições, seus saberes constroem comunidades fortalecidas culturalmente por um modo de vida ancestralizado que, desde as práticas cotidianas aos ritos celebrativos, expressa as habilidades dos povos negros para a resistência cultural, a negociação e, especialmente, para a produção de comunidades afetivas e identidades culturais poderosas: que resistiram, no passado, às violências da escravização e, na atualidade, às violações de direitos perpetradas pelo racismo estrutural e seus desdobramentos.

No campo dos saberes, é possível afirmar que as tradições do Rosário também são filosófica e culturalmente propositivas e fornecem condições para que, através do culto à ancestralidade, haja a continuidade de práticas de conhecimento embebidas em cosmologia, oriunda da vasta região cultural centro africana e reformulada nos contextos da diáspora. As diversas expressões do bem cultural foram difundidas amplamente no território brasileiro, com toda a sua pluralidade. Na contemporaneidade, estão presentes em pelo menos 16 estados: Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará, Amazonas, Mato Grosso, Brasília, Tocantins, Ceará, Sergipe e Bahia.

Os elementos diversos que fazem parte dessas tradições são: massambiques (moçambiques), congos (congados, conguistas, congueiros), catopês (catupés, catopés), marujos, caboclos (caboclinhos, penachos, cabocladadas), tamborzeiros,

pifeiros, entre outros grupos rituais, e reinados (côrtes ou tronos coroados) descritos e registrados por pesquisadores, em diferentes contextos e regiões.

Essas tradições ao Rosário atravessaram mais de 300 anos de história, alcançando o século XXI, com transformações e ressignificações, mas sempre mantendo uma identidade fundamental: a ancestralidade de matriz africana com canto, ritmo e dança. Na maior parte das vezes essas tradições envolvem a coroação de reis e rainhas congos (ou do Congo) como parte principal de um festejo que, ao longo de dias, cumpre alvoradas, levantamento de bandeiras, rezas, cortejos e missas.

O Dossiê foi produzido sem a possibilidade de atualização de pesquisa em campo devido a Covid-19, sendo baseado em uma revisão criteriosa da vasta documentação produzida pelas superintendências do Iphan em GO, MG e SP, no período entre 2006 e 2018. A documentação de base para a escrita foi elaborada por várias equipes de trabalho ao longo de mais de dez anos, a partir de pesquisa documental, bibliográfica e de campo, com uso da metodologia do INRC, cumprindo etapas fundamentais para subsidiar a instrução do processo de reconhecimento oficial dos Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas como Patrimônio Cultural do Brasil.

A documentação foi resumida pela equipe responsável pela etapa de finalização da instrução do processo de Registro, e sistematizada e atualizada com novas pesquisas bibliográficas e formulações analíticas durante o período entre 2020 e 2022.

As comunidades detentoras se caracterizam pela riqueza de sua identidade e explicitam sua representatividade, complexidade, antiguidade e amplitude, na presença expressiva enraizada em centenas de municípios brasileiros, desde o Ceará até o Rio Grande do Sul, passando pelo Tocantins e Mato Grosso, com destaque especial para as regiões Central e Sudeste do Brasil. O referencial territorial para a redação do Dossiê foram os estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo por serem territórios onde os Reinados, Congados e Congadas estão presentes em maior quantidade e com notável diversidade ao longo de três séculos. Entre 2006 e 2018 o Iphan realizou pesquisas com a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) que mapearam centenas de ocorrências das expressões do Rosário em 20 municípios de Goiás (entre 2006 e 2008); em 332 municípios de Minas Gerais (entre 2012 e 2014); e em 31 municípios de São Paulo (entre 2016 e 2018).

A equipe do trabalho de instrução final do processo para o Registro dos Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas como Patrimônio Cultural do Brasil foi composta por um conjunto de profissionais mobilizados periodicamente ao longo dos três anos de atividades.

Linha do Tempo

2006 - 2018: o Iphan realizou pesquisas com a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC).

2007: o Iphan GO lançou o Edital/Convite nº 10/2007 para realização do inventário e documentação das “Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás”. A Fundação de Apoio à Pesquisa (FUNAPE) da Universidade Federal de Goiás (UFG) apresentou a proposta selecionada no edital e a realização da pesquisa e documentação do Inventário ficou sob a coordenação do sociólogo Doutor Sebastião Rios, vinculado ao departamento de Ciências Sociais e pós-graduação em Performances Culturais da UFG.

2008: em novembro de 2008, foi protocolado o pedido de Registro das “Congadas de Minas” como Patrimônio Cultural do Brasil, dirigido ao Iphan pela Secretaria Municipal de Cultura do município de Uberlândia (MG) e subscrito pelas prefeituras dos municípios mineiros de Campos Altos, Frutal, Monte Alegre e Uberaba, e pela Associação dos Congos e Moçambiques Nossa Senhora do Rosário de Ibiá (MG).

2009 - 2011: foi solicitada a complementação da documentação anexada ao pedido de Registro. Após o recebimento dessa complementação e análise da Câmara Setorial de Patrimônio Imaterial, realizou-se o encaminhamento do processo à Superintendência do Iphan de Minas Gerais para a condução dos procedimentos para a Instrução Técnica.

2012 - 2015: foram realizadas duas etapas do levantamento preliminar das “Congadas de Minas”, pelo Iphan-MG. Seguindo a orientação da metodologia do INRC, na primeira etapa realizou-se um levantamento em todo estado para uma

sondagem preliminar da localização dos municípios onde a prática cultural acontece e na segunda etapa reuniões com os grupos de detentores nas várias localidades.

2016 - 2018: foram realizadas visitas técnicas pelo Iphan-MG às regiões propostas como territórios do estado para a pesquisa e compreensão das dinâmicas e características do bem cultural. Nessas visitas também verificou-se a possibilidade de realização de encontros regionais com as comunidades detentoras locais.

2015 e 2018: a Superintendência do Iphan do Estado de São Paulo realizou a etapa preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) das Congadas Paulistas, em parceria com o Centro de Estudos da Cultura Popular de São José dos Campos (CECP), que desenvolveu pesquisa.

2019 - 2020: realizou-se o contrato com a consultoria licitada para a instrução do registro. A consultoria, denominada *Cultura, Meio Ambiente e Patrimônio*, iniciaria suas atividades em janeiro de 2020 com previsão de finalização em janeiro de 2022, porém, em março de 2020 foi constatado o comprometimento do plano original em decorrência da manutenção prolongada dos protocolos sanitários de prevenção à Covid-19. Diante disso, realizou-se uma repactuação com a consultoria licitada para a proposição de alternativas e adaptações que garantissem a realização da etapa final de instrução do processo de Registro sem prejuízo dos resultados do trabalho.

2021 - 2022: foi realizada a finalização da instrução para o Registro.

As multiplicidades, diversidades e territorialidades do bem

O caráter extraordinário desse bem cultural está em sua abrangência territorial, longevidade temporal e diversidade de formas expressivas em sua multiplicidade de detentores.

Temos como referência as reflexões de mestres e mestras das comunidades detentoras ao afirmarem, cada qual à sua maneira e conforme formulações próprias, que a variação é um elemento constitutivo das suas formas de expressão da devoção ao Rosário. Não por acaso o nome indicado para o Registro se apresenta composto pelos três termos - **Reinados, Congados, Congadas**, e ainda grafados

no plural. Os reinadeiros e congadeiros afirmam que essa diversidade não exclui a identidade que faz com que os Reinados, Congados e Congadas se reconheçam reciprocamente, sendo capazes de, cada qual com a sua toada, celebrar a ancestralidade sagrada cantando, dançando e tocando – rezando, conectados como as contas de um rosário.

Por isso, as formas que esses mestres e mestras tem para dizer sobre si mesmos e sobre o que vivenciam é o que melhor representa o conjunto diversificado desses saberes, formas de expressão, celebrações, artes, ofícios e modos de fazer dos reinadeiros(as), candombeiros(as), moçambiqueiros(as) (também chamados(as) de massambiqueiros(as), congadeiros(as), (congueiros(as) ou conquistas, marujos(as), ou marujeiros(as), catopês (catupês, ou catopés), pifeiros, vilões, tamborzeiros, pifeiros, entre outros grupos rituais detentores do bem cultural.

Com forte ligação nas memórias do continente africano, as expressões do bem cultural estão presentes em, pelo menos, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará, Amazonas, Mato Grosso, Brasília, Tocantins, Ceará, Sergipe e Bahia, com a presença de fronteiras porosas atravessadas por muitos intercâmbios que, não raro, inspiram a formação de novos grupos e outras celebrações.

O conhecimento transmitido pelos antepassados do Rosário destaca o protagonismo dos povos africanos e seus descendentes frente aos processos da colonização, no contexto da escravidão moderna, dentro das irmandades dos homens pretos e pardos e no período posterior à abolição. Nas histórias compartilhadas pela tradição, há uma ênfase na habilidade dos africanos e afro-brasileiros de constituir um modo de vida ancestral, focado nas estratégias de cura dos traumas e feridas gerados pela colonialidade, em um contexto tão adverso e com tão longa duração quanto o do sistema escravista nas Américas, sendo estes elementos que fortalecem as contas deste Rosário.

Aparição de Nossa Senhora

A tradição do Rosário inclui inúmeras variações da narrativa sobre a aparição de Nossa Senhora do Rosário na natureza: no meio do mar, na praia, no rio, na lapa, na gruta, no alto da serra, na mata, no deserto. A preferência da santa pelos negros cativos para a sua condução, desde o ambiente natural até dentro de uma igreja (ou

capela, vila, lapa, gruta), mostra uma narrativa de forte caráter étnico, que coloca os negros como centrais do enredo de um encontro com o sagrado. Um sagrado que, do ponto de vista étnico-racial, nos contextos de encontros e conflitos coloniais, baseia-se na devoção a uma santa, Nossa Senhora, identificada ao catolicismo.

As variações da narrativa reiteram que a santa escolheu os negros com suas formas próprias de conexão com o sagrado, e não os brancos. Algumas narrativas situam esse episódio no contexto colonial escravista brasileiro e outras no continente africano em período de intensos conflitos relacionados ao tráfico negreiro para as Américas.

A organização hierárquica e espiritual entre candombes, moçambiques (massambiques), congos etc. ocorre em relação a qual grupo conseguiu conquistar a conexão sagrada com a santa. Nos contextos em que há candombes dentro da tradição da comunidade, são os candomberos que alcançam a comunicação com Nossa Senhora, fazendo a sua guia até a capela (gruta, igreja, altar etc.). Onde não existem candombes, são os moçambiques os sábios mestres da condução sagrada. Há contextos em que também não existem moçambiques, variando entre congos, marujos, catopês a autoria da habilidade mágica.

Os Saberes, as/os Detentoras/es e Ritos

Reinado constitui todo o povo que venera Nossa Senhora do Rosário. O que quer dizer isso: o congado é o povo que veio do Congo, país Congo. E esse termo “Congado”, o povo mais antigo, não usava esse termo. Usava Reinado, por ser amplo, o Reinado de Nossa Senhora. Com a generalização das coisas... com um certo tempo, esses antropólogos, essas pessoas assim que entram pra ajudar, começaram a falar coisas diferentes. (Eles) estudam muito uma coisa ou outra e acabam convencendo. Ou então pra ficar fácil de publicação, ou melhor entendimento, usam uma palavra só, segundo eles, para divulgar mais. Então é o caso do termo “Congado”. Mas as pessoas entendidas sabem que o termo Congado, isso na minha visão, é um termo falho. Por quê? Se é do Congado, o povo que veio do Congo, quem veio do Moçambique não é Congado. Quem é marujeiro não é Congado. Quem é vilão não é Congado. Quem é catopé não é Congado. Então, quando você fala Reinado de Nossa Senhora é todo mundo. São todos aqueles que veneram Nossa Senhora do Rosário. Isso é a maneira que o Reino Treze de Maio aprendeu. A gente passa assim, porque aprendeu assim. Não quer dizer

que está certo, nem errado. (Entrevista concedida por Isabel Casimira Gasparino Martins apud IPHAN-MG, 2014).

Nessa perspectiva, Reinado é a categoria e/ou instituição mais abrangente, enquanto os congos e congados são compreendidos como componentes do Reinado. O termo Reinado apresenta predominância na região central mineira e metropolitana de Belo Horizonte e entre os mais velhos de diversas comunidades espalhadas pelo Brasil que salvaguardam o patrimônio cultural, e que manifestam dúvidas com relação ao benefício da adoção da rubrica “Congado” para se referir de forma generalista à tradição cultural. Nesse contexto, Nossa Senhora do Rosário é também denominada por alguns reinadeiros e congadeiros como Undamba Berê Berê, a mãe dos homens (e mulheres) pretos e Santa Manganá. É para ela que, em seu louvor, se canta e dança “o congado” (GOMES, 2015).

O “Congado” como termo abarcador dos demais ficou famoso com o trabalho do folclorista Saul Martins (1988), em que Congado é apresentado de maneira bastante esquemática como uma família de sete irmãos que se diferenciam pelo ritmo, repertório de cantigas, instrumentos musicais, indumentária, dança e funções durante os ritos. De acordo com essa proposição, em Minas Gerais poderiam ser identificadas sete “linhas” do Congado: o moçambique, o congo, o catupé, o marujo, o caboclinho, o vilão e o grupo denominado Cavaleiros de São Jorge. Nessa família, Nossa Senhora do Rosário é a mãe e o candombe é o pai.

Ademais, entre “Reinado” e “Congado” observa-se que um “grupo de congado” pode não comportar (o que é comum) a estrutura de um reinado, ao passo que toda irmandade que detém um reinado precisa incluir a participação de pelo menos um congado (ternos, guardas, banda, cortes de congo, marujos, moçambiques, catopés, etc.) em seus ritos, mesmo que este não pertença àquele reino. Ternos, bandas, cortes ou guardas de congo (congado, conquistas, congueiros), moçambique (massambique), marujo, tamborzeiros, candombe, caboclinhos (caboclos, penachos), pifeiros, etc. podem ter uma existência individual, estando ligados a santos de devoção em comunidades onde não exista um reinado.

Frente à diversidade de expressões do bem cultural, o nome “Rosário” e as expressões “comunidades do Rosário”, “celebração do Rosário” ou “devoção ao Rosário” podem ser as mais representativas do conjunto heterogêneo de que fazem parte os Reinados, Congados e Congadas. Esses termos evitam tomar a parte

(reinados, congados, moçambiques, marujadas, caboclinhos, catopês, candombes, tamborzeiros, pifeiros, entre outros) pelo todo (as Congadas ou Congados, os Reinados), e ainda enfatizam a fé como componente constante e comum ao imenso conjunto de detentores.

Para apresentar, cabe distinguir entre côrte, coroa (ou trono coroado) e capitania (guardas, ternos, bandas etc.) que é bastante comum, embora não possa de maneira alguma ser tomada como modelo generalizado. A coroa e a capitania podem ser descritos como duas organizações ritualísticas complementares.

A côrte representa em geral o Reino de Nossa Senhora do Rosário, geralmente composto por rei e rainha congos, perpétuos e festeiros, além dos príncipes e princesas. Em geral, a côrte inclui acompanhantes cortejadores (mordomo, juiz, guarda coroa, pajem).

Os reis e rainhas congos e perpétuos são cargos de grande prestígio, em geral ocupados por pessoas estimadas na comunidade e representam, abaixo dos santos e santas de devoção, a máxima autoridade nos festejos. A rainha conga é frequentemente compreendida como a presentificação de Nossa Senhora na terra e sua coroa (manto, cetro, quando há) é, por isso, um artefato sagrado. Reis e rainhas congos podem representar tanto a Virgem coroada como as nações africanas do passado e seus ancestrais, possuindo em grande parte dos contextos cargo perpétuo e hereditário.

Os reis festeiros, que nem sempre estão presentes, podem mudar a cada ano e não são necessariamente pessoas pertencentes à comunidade. São um casal que recebe as coroas em virtude de devoção e/ou promessa feita aos santos de devoção, e costumam ser os responsáveis pelos custos da festa. Geralmente oferecem o almoço, muito embora em alguns casos a própria rainha conga se responsabilize por toda a oferta dos festejos. São conhecidos também como reis de ano ou reis de promessa e são respeitados e devotados nas celebrações como os demais reis do trono coroado (IPHAN, 2015).

Juízes ou juízas, por sua vez, quando presentes, são os(as) oficiais do reinado e geralmente são indicados(as) pelo(a) organizador(a) da festa. Sua função pode ser

compor a estrutura do cortejo segurando uma vara de madeira ornada com papel amarelo (juíza da vara de ouro) e branco (juíza da vara de prata).

A Capitania consiste no corpo ritual que integra as guardas, ternos, bandas, cortes (no sentido de grupo ritual) e batalhões que zelam pela proteção da côrte (no sentido de reis, rainhas e acompanhantes da realeza). Esta se apresenta tocando, dançando, cantando — guardando e rezando ao modo da cultura afro-brasileira. Em alguns contextos, a Capitania pode ser dividida entre a) um núcleo de cortejo e coroação da realeza; e b) um núcleo dedicado à dramatização de negociações bélicas ou diplomáticas e batalhas interétnicas — cristãos contra mouros, africanos contra europeus, aldeias africanas entre si, entre outras confrontações que geralmente aludem a episódios ligados à colonização brasileira ou à difusão do cristianismo. As batalhas costumam ser encenadas através das embaixadas.

O trono coroado é geralmente guiado e guardado pela capitania, que são os súditos da côrte, capitaneados por um(a) comandante, general, mestre(a), patrão, capitão(ã), entre outros nomes dados aos maestros das funções rituais.

Candombes representa a origem da forma de expressão cultural dos Reinados, Congados e Congadas e os grupos estão concentrados nas regiões Metropolitana de Belo Horizonte, Central-Mineira e Centro-Oeste de MG.

Moçambique/Massambiques são reconhecidos como o conjunto dos grandes sábios, representantes dos ngangas, “tatas” (antepassados), ou dos pretos velhos (entidades espirituais identificadas à umbanda), que guiam, puxam, conduzem as coroas. Os saberes do capitão ou da capitã de moçambique costumam se concentrar na orientação quanto ao modo de proceder nos determinados momentos cerimoniais e ambientes rituais: como e quando saudar uma bandeira, qual cantiga deve ser executada em que momento, como se proteger espiritualmente na lida do dia a dia e durante a celebração, por exemplo. Os(as) capitães(ãs) costumam portar bastões, artefatos imbuídos de agenciamentos poderosos, com os quais sabem “embaixar” ou firmar versos ou toadas. O(a) capitão(ã) moçambiqueiro(a) costuma ser o(a) “senhor(a) da coroa santa” que, com seus bastões sagrados, conduz o reinado.

O Congo, em geral, segue à frente nos cortejos abrindo e exercendo uma função cerimonial de seguir “limpando energeticamente” os caminhos (SOARES, 2016). É comum que o(a) mestre(a) ou capitão(ã) traga nas mãos uma espada ou um tamboril (também conhecido como tamborim). O(a) mestre(a)/capitão(ã) e o(a) contramestre costumam ser as maiores autoridades dentro desse grupo, ritual e espiritualmente. Os dançantes se postam em duas fileiras e seguem em movimentos rápidos e enérgicos, saltitantes. Sua dança costuma ser marcada pela ginga e cruzamento de pernas e pés, e na cabeça costumam levar capacetes enfeitados com flores, espelhos e fitas coloridas. Geralmente, o congo abre caminho para o moçambique e a coroa (ou “trono coroadado”). Não é raro que na narrativa da aparição de Nossa Senhora do Rosário, esse grupo assuma o papel dos mais jovens e ansiosos, que vão e voltam, apressando o moçambique para receber Nossa Senhora. Há narrativas que informam sobre as cores das roupas, nas quais as fitas multicoloridas representam as flores que enfeitaram o caminho para Nossa Senhora passar (Iphan, 2015).

Marujada geralmente possuem os componentes conhecidos como marujos ou marujeiros. Em alguns contextos, a tradição informa que os componentes têm a função de lembrar a vinda dos africanos nos navios negreiros para o Brasil. Grupos de marujos também aparecem associados a congos.

Os Catopés/catopês/catupés, cuja nomenclatura varia conforme a localidade, em geral, têm por função alegrar o ambiente com sua música e dança. Alguns grupos tocam o ganzuá ou ganzá: instrumento feito de bambu que é apoiado na altura da cintura, indo até um pouco acima do ombro, que possui o seu topo enfeitado com fitas e flores, e tocado como um reco-reco (SOARES, 2016). Nas localidades onde protagonizam a festa, os catopés/catopês/catupés organizam e conduzem o trono coroadado: buscam príncipes, princesas, reis e rainhas e formam o cortejo que, em seguida, sai pelas ruas. Com frequência usam capacetes enfeitados com espelhos, fitas coloridas e penas.

Os Tamborzeiros cumprem um papel central na festa, sendo responsáveis por conduzir a maior parte dos cortejos. Em geral, os grupos são formados por um

número restrito de homens, entre cinco e dez, que batem os tambores de três tamanhos diferentes, formados por pedaços de troncos ocos, cobertos em uma das aberturas por couro esticado de animal. Da mesma maneira que os outros grupos, de tamborzeiros possuem divisões e hierarquias internas divididas em: capitão do tambor, os tamborzeiros experientes iniciados nos segredos do tambor e os demais participantes. O capitão do tambor lidera o grupo, conduz o repertório, as toadas, e os destinos e ritmos dos deslocamentos durante o cortejo. As músicas tocadas durante os cortejos são cantigas tradicionais populares ou canções improvisadas na hora. Sua posição nos cortejos é à frente dos reis, indicando sua função de guia, condutor da consagração. Além disso, há grande semelhança entre os tamborzeiros dessa mesorregião e os candombeiros da região central e oeste mineira.

Os caboclinhos, penachos e caboclos representam os povos indígenas no contexto dos entrecruzamentos cosmológicos que engendraram a devoção ao Rosário. Em muitos casos, usam blusas e calções de cores variadas, capacetes e saiotas e enfeitam-se com pulseiras, cabeleiras, fitas, brincos, colares e outros adornos indígenas, muitas vezes usando maquiagem. Costumam tocar caixas de madeira e couro. Também se apresentam com arcos e flechas de madeira.

A Musicalidade

As características ligadas à musicalidade dos Reinados, Congados e Congadas, ao seu trabalho acústico e fazer sonoro, demonstram riqueza e complexidade, envolvendo ritmos, toadas, poesia, canto, dança. O núcleo do trabalho acústico e coreográfico se divide em diferentes tipos de agrupamentos instrumentais (grupos de dança, canto, toque) diferenciados por características como formação instrumental, indumentária, repertório, trabalho cinético e função ritual.

A instrumentação podem ser compostas por cavaquinhos, violões, violas, pandeiros, rabeca, arco-e-flecha, membrafones, tamborins, pífanos, chocalho, gaita, marimba, maracanãs, surdos, surdinhos, ripiliques, patanhgongas, bem como “patangomas” e “patangomes”, que são idiofones de agitação (do tipo chocalho).

O paiá é um conjunto de guizos atados a uma correia, presa abaixo dos joelhos dos congadeiros, uma em cada perna. Ainda tem a cuica, acordeão, viola, caixa, tambores de mão, chocalhos de cesto, reco-recos e a sanfona.

As irmandades religiosas

Formadas por negros e pardos escravizados, forros e livres, separadas das irmandades dos senhores brancos, foram um dos principais meios encontrados por essas populações para se organizar em comunidades, integrando-se, assim, ainda que de modo frágil e conflituoso, à sociedade escravista. No período escravagista, as irmandades tinham como característica a realização de ajuda mútua de empréstimos e adiantamento para as alforrias de escravizados.

As festas

Elas promovem as visitas entre as guardas, bandas, ternos, cortes e reinos, reforçando a união entre as pessoas. Elas também costumam ser o momento mais esperado do tempo cíclico que rege a tradição. O período celebrativo proporciona um tempo de reunião entre parentes e amigos que há muito não se viam e, no mais das vezes, têm apenas esse “tempo” para desfrutar do reencontro; promove a afluência amistosa de admiradores visitantes, turistas, nutrindo a autoestima dos reinadeiros, congadeiros que se preparam o ano todo para este encontro. Reinados, Congados e Congadas são sotaques da mesma linguagem: a da celebração.

A ética das comunidades do Rosário é praticada no gesto do pedido e do agradecimento. Por isso, as festas são promessas e compromissos herdados de geração em geração. As comunidades, diversas que são, comungam na festa, cuja temporalidade é um contínuo gerador de novas promessas, novos compromissos, mais amizades e outras celebrações, ciclicamente. Algumas festas duram mais de dez dias e todo encerramento, sem exceção, significa o recomeço da preparação daquela que virá “para o ano”.

A Devoção

Dar vivas à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora Aparecida, entre tantos santos reverenciados, envolve saudar também aqueles que, em vida, foram seus devotos e, pela fé, conseguiram alcançar melhores condições de vida para si e suas comunidades.

Neste sentido, boa parte das celebrações do Rosário foram iniciadas por promessas e são mantidas, ao longo das gerações (com ou sem interrupção), pelo compromisso com a promessa do(a) antepassado(a): vovó (vovô) fazia, mamãe (papai) fazia, por isso fazemos também. Essas são disposições existenciais muito presentes na tradição.

A Comida e São Benedito

A comida nas festas do Rosário é um elemento especial e muito dedicado, por meio do qual as comunidades demonstram a sua hospitalidade com a primazia da fartura, um tema comum às cosmologias e práticas não-modernas.

A comida é um alimento para o corpo, para o espírito e para os ancestrais, sendo sempre compartilhada afetuosamente, tanto nas celebrações sagradas, quanto em confraternizações cotidianas - aniversários, reuniões, mutirões de trabalho. O preparo, oferta, distribuição e consumo do alimento são definidores da complexa dinâmica de cuidados que modula a vida.

São Benedito é o santo mais comumente relacionado à comensalidade, à cozinha, à fartura e à generosidade dentro das comunidades. Esse aspecto é registrado pela oralidade nas diversas narrativas sobre sua dedicação à cozinha e à distribuição de alimentos ao povo negro escravizado e submetido à fome. Assim, nos momentos de refeição, é muito comum saudar a São Benedito, agradecendo pelo alimento e rememorando tempos de fome e escravidão. Deste modo, São Benedito, que transforma alimento em flores para enganar o soldado/chefe/rei, é também dotado de poderes mágicos de transmutação e astúcia na relação com os brancos. Sendo um santo negro, a sua devoção evoca a ancestralidade e se conecta, na umbanda por exemplo, à personalidade espiritual do preto-velho.

Transmissão dos saberes do Rosário

São as pessoas mais velhas que podem ensinar este repertório de técnicas e saberes, alguns deles envolvendo segredos e mirongas. Importante destacar que nem sempre os mais velhos são pessoas humanas contemporâneas; há muitos casos em que as comunidades aprendem com guias espirituais, destacadamente os pretos e pretas velhos(as) – antepassados que atuam como mentores, ensinando os aspectos profundos da ética comunitária. Na cosmologia centro-africana, a “linha”

que divide os vivos dos mortos não afeta a estrutura dos relacionamentos, desse modo, a ligação com os antepassados é mantida por meio de uma série de rituais. Nos ritos – e ainda na vida cotidiana – os(as) mais velhos(as) têm primazia nos cultos, o que se relaciona com sua vinda antes ao mundo, com a valorização de sua experiência, e também com o fato de que eles, ao realizarem a passagem entre os planos, assumem a guiança espiritual dos parentes vivos (IPHAN, 2016). Essa cosmologia torna possível uma intimidade com o sagrado que fica patente na devoção ao Rosário.

Assim, a devoção afro-brasileira ao Rosário, em toda a sua diversidade, pode ser identificada por uma lógica de mundo que considera as subjetividades das pessoas encarnadas e desencarnadas, dos humanos e dos espíritos de antepassados e ancestrais. De acordo com essa filosofia comunitária existem vínculos entre as gerações que são eternizados pela prática de recordar e homenagear os que já não estão materializados entre si, mas que seguem unidos aos seus parentes mantendo interações espirituais. Com isso, o caráter educador é um mecanismo fundamental para a permanência e a dinâmica do bem cultural que estão intimamente relacionadas aos processos de transmissão hierárquica e intergeracional de conhecimentos.

Nomenclatura do Bem a ser Registrado

Buscando equacionar essa complexidade, através da pesquisa realizada para a etapa final de instrução do processo de Registro foi compreendido que seria importante propor um título mais abrangente do que somente “Reinados, Congados e Congadas”. A nomenclatura deveria ser capaz de fazer referência imediata ao essencial compartilhado pelas diferentes comunidades vinculadas a este bem cultural multifacetado. Para isso, buscou-se assumir uma convergência de pontos de vista manifestados por diversos(as) detentores(as) do bem cultural, todos notoriamente qualificados, de acordo com os quais o senso de pertencimento comunitário, identidade e devoção ao sagrado são os componentes fundamentais compartilhados. Nesse sentido, surgiu a adesão ao termo “Rosário” enquanto dispositivo semântico indicador dessa profunda ligação entre os elementos “pertencimento”, “identidade” e “devoção”, e que é comumente usado por detentores(as) experientes para caracterizar de maneira apropriada a sua vivência

da tradição. As pessoas costumam dizer que realizam “festas do Rosário”, que se reúnem pela “fé no Rosário”, e que se percebem como comunidades “unidas no Rosário”. Estas expressões são recorrentes e muito significativas, portadoras de profundo alcance cosmológico e capazes de realizar uma forte alusão às dimensões dos saberes, das formas de expressão, das celebrações, das artes, dos ofícios e dos modos de fazer dos reinadeiros, candombeiros, moçambiqueiros (massambiqueiros), congadeiros (congos, congados, congueiros, conguitas), marujos (marujeiros, marujadas), catopês (catupês, catopés), vilões, pifeiros, tamborzeiros, entre tantas outras denominações de detentores do bem.

Já o termo “saberes” atende à finalidade de destacar a dimensão epistêmica e cosmológica do bem cultural, abrangendo todas as demais dimensões e incluindo, de uma só vez, aspectos relativos ao modo de viver, fazer, celebrar e ao ensino e aprendizagem da tradição entre as gerações reinadeiras, congadeiras.

Pode-se afirmar que as formas de “viver no Rosário” mobilizam sacerdócios e mestrias espirituais; ofícios, métodos e tecnologias de curadores(as) e benzedores(as), cozinheiros(as) e artesãos(ãs); artes da linguagem e das performances memorialistas, narradoras, cerimoniais, oradoras e poéticas; as musicalidades de tocadores(as)/instrumentistas, cantadores(as)/cantores(as), dançadores(as)/dançantes. Todas essas práticas e seus produtos materiais e imateriais são mobilizados não somente nos períodos festivos, mas ao longo do tempo de convivência entre mais velhos e mais novos, que se reúnem pela devoção ao Rosário em família, entre vizinhos, pelos bairros, em contextos rurais ou urbanos.

Salvaguarda

Foi evidenciado ser essencial que aconteçam ações conjuntas entre poder público e detentores de modo a fundamentar o processo de salvaguarda dos Saberes do Rosário: Congados e Congadas. Por ser um bem cultural multidimensional na qual recaem muitas questões de política patrimonial em variadas instâncias, foi realizada a listagem de recomendações para a salvaguarda deste bem cultural dividida em seis modalidades:

1. Ações de Documentação envolvendo pesquisadores e detentores, respeitando sua complexidade territorial e diversidade dos saberes, fazeres e modos que envolvem o bem cultural;

2. Proteção aos direitos das comunidades detentoras, implementando políticas intersetoriais que promovam de forma específica o bem e seus detentores;
3. Formalização e capacitação dos detentores que quiserem gestar associações formais ou informais;
4. Ações de apoio para a Sustentabilidade através de editais acessíveis ao bem e a seus detentores, mediação com poder público para a realização das atividades envolvendo infraestrutura, alimentação, mobilidade, bem como apoio na realização de celebrações e manutenção dos materiais (instrumentos, vestuários, indumentárias, artefatos, etc);
5. Ações que visem a preservação e manutenção do espaço das celebrações, dos locais da memória ancestral, dos lugares sagrados (patrimônio material);
6. Ações de educação, com estímulo a divulgação nos meios oficiais e redes sociais, e a promoção de programas de inclusão dos Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas no ensino fundamental e médio, apoiados na Lei 10639/03, complementada pela lei 11.645/08, que incluem no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Parecer

Os Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas são compreendidos como fruto singular da cultura diaspórica africana.

Portanto, os saberes do Rosário constroem comunidades fortalecidas com um modo de vida que, desde as práticas cotidianas aos ritos celebrativos, reflete as habilidades específicas dos povos negros para a negociação e, especialmente, para a produção de comunidades afetivas e identidades culturais poderosas, criadoras de novas experiências e instituições, mesmo sob as violências contemporâneas, do racismo estrutural.

Mais uma vez quero agradecer a oportunidade de conhecer mais um elo de minha e da nossa herança africana diaspórica ancestral. Percorrer esses documentos e páginas foi uma oportunidade incrível de me reconhecer, enquanto parte e herdeira também desta riqueza.

Mais uma vez agradeço a todas as pessoas e instituições que desde 2008 atuaram para o desenvolvimento do INRC e Dossiê desse patrimônio cultural, e por tudo

isso, sou totalmente favorável ao registro e reconhecimento dos **Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas**, como Patrimônio Cultural do Brasil.

Campinas, 30 de maio de 2025.

Dra. Alessandra Ribeiro Martins
Conselheira e Detentora Jongueira